

CULTURA, IDENTIDADE E RELIGIOSIDADE EM ITUIUTABA-MG.

FERNANDA DOMINGOS NAVES¹. CAIRO MOHAMAD IBRAHIM KATRIB²

RESUMO: Este artigo apresenta os resultados da pesquisa Cultura, Identidade e Religiosidade: Mapeamento e reconstrução histórica dos ternos de Congado de Ituiutaba-MG, financiada pela FAPEMIG/UFU. Nela, procuramos compreender as múltiplas possibilidades de (re) leituras acerca do Congado na cidade, principalmente no que diz respeito ao seu caráter simbólico e sua importância étnico-cultural na reconstrução da identidade e da pertença cultural de seus praticantes. É através dos festejos em louvor a São Benedito, realizados na cidade há mais de cinco décadas, que percebemos a dinamicidade dessa comemoração na manutenção e recriação dos sentidos sagrados e profanos da festividade, a fim de analisar como os congadeiros atualizam com a festa, sua fé, suas práticas culturais e sua ancestralidade, fazendo desse momento festivo um espaço de sociabilidade e de reafirmação identitária.

PALAVRAS CHAVE: Fé, Ancestralidade, Devoção, Cultura, Religiosidade, Identidade.

CULTURA, IDENTIDAD Y RELIGIOSIDAD EN ITUIUTABA-MG.

RESUMEN: Este artículo presenta los resultados de la investigación Cultura, Identidad y Religiosidad: Mapeamento y la reconstrucción histórica de las trincas del Congado de Ituiutaba-MG, financiado por FAPEMIG/UFU. En ella, nosotros intentamos entender las posibilidades múltiples de (re) las lecturas sobre el Congado en la ciudad, principalmente en que se dice respecto a su carácter simbólico y su importancia étnico cultural en la reconstrucción de la identidad y del pertenece cultural de sus aprendices. Dentro que los festejos en louvor a San Benedito, realizado ha más de cinco décadas, que notamos la dinamicidade de esa conmemoración en el mantenimiento y recreación de los sagrados y profanos sentidos de la festividad para analizar como los congaderos modernizan con las fiestas, su fé, sus practicas culturales y sus ancestralidade, haciendo de ese momento de fiesta uno espacio de sociabilidad y de reafirmación identitária.

PALABRAS CLAVES: Fé, Ancestralidade, Devoción, Cultura, Religiosidad, Identidad.

¹ Acadêmica do curso de Graduação em História da Faculdade de Ciências Integradas do Pontal – FACIP/UFU. Endereço: Rua Uberlândia, nº. 687, Pirapitinga, CEP: 38307-412. Ituiutaba-MG.. E-mail: nandinhadomingos@hotmail.com.

² Professor do curso de Graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia – Campus do Pontal. Endereço: Avenida José João Dib, nº. 2545, CEP: 38302-000. Ituiutaba-MG. E-mail: cairo@pontal.ufu.br

INTRODUÇÃO

A idéia de pesquisar o Congado da cidade de Ituiutaba, localizada na região Centro-norte do Triângulo Mineiro, estado de Minas Gerais, surgiu durante uma conversa informal entre eu e meu orientador que fez da festa em louvor a Nossa Senhora do Rosário, de Catalão, o tema de sua dissertação de mestrado. Juntos, resolvemos realizar uma pesquisa acerca da festividade na tentativa de compreender como os praticantes do Congado percebem essa manifestação cultural no cotidiano.

De início, em virtude da escassez de fontes documentais escritas optamos por trabalhar com relatos de vida dos congadeiros³ mantenedores dessa prática cultural. O trabalho foi desenvolvido tendo como norte a construção de uma narrativa acerca da efetivação de um registro que contivesse o histórico dos ternos de Congado⁴ e o mapeamento com a localização espacial dos grupos, buscando entender a dinamicidade em torno da festa de São Benedito, visando a compreensão dos sentidos dessa comemoração.

Nossa proposta se balizou na premissa inicial de que a festa no Brasil é uma prática social historicamente herdada (AMARAL, 1998). Esse tipo de comemoração festiva recebe, desde o período colonial, conotações de controle e/ou protesto social. Diante disso, pudemos acrescentar que atualmente, a festa percorre múltiplos caminhos, sendo estes recriados mediante a efetivação daquilo que Michel CERTEAU (2001) chama de “jogos de interesses”.

Segundo aponta VOVELLE (1987, p.246) a festa se efetiva como momento das “ressurgências” onde gestos, atitudes e comportamentos coletivos trazem à tona, de forma inconsciente, sensibilidades que circundam e se concretizam no imaginário coletivo, o que possibilita aos indivíduos analisar a interiorização da festa e da religiosidade sob diferentes nuances disponibilizadas pela História Cultural, posto que a festa seja a constituição histórica dos sujeitos, espaço de resistência, persistência e de espiritualidade. Na visão de BRANDÃO (2001), a festa assume diferentes sentidos para os brasileiros numa dimensão cotidiana que agrega vida e festa. Dentro desta perspectiva, notamos que são várias as formas de efervescência festivo-devocionais expressas na vida dos sujeitos a partir do momento em que se interagem com a festa, com seus diferentes espaços e rituais.

Para CHARTIER (2002) identificar o modo como, em diferentes lugares e momentos, uma determinada realidade social é construída, pensada e dada a ler é essencial para perceber

³ Aqueles que nascem em uma família praticante que leva a diante os conhecimentos herdados e que vive o Congado como prática de vida.

⁴ Denominação que identifica os grupos que compõem o Congado. São conhecidos também elos nomes de Batalhão, Guarda ou Congo.

a relação dos indivíduos com sua cultura. Nessa lógica, a pesquisa se desvelou na tentativa de entender como as práticas culturais são recriadas continuamente pelos grupos sociais a fim de manterem vivas a cultura e a identidade do grupo. GOMES e PEREIRA (2002, p. 75) nos ajudam a perceber essa dinamicidade, pois esclarecem que o Congado reúne um conjunto de representações sonoras e visuais que propiciam um reencontro significativo com as raízes negras, com os antepassados e descendentes vivos e mortos, de modo a exprimir algumas das tensões que permeiam as experiências do indivíduo e do grupo no tocante à busca de suas identidades bastante praticadas no interior das Irmandades pelos seus membros. Ainda para CHARTIER, as representações aspiram a um caráter universalista e são sempre determinadas pelos interesses dos grupos que as produzem. Por esse motivo, nunca são discursos neutros, colocando-se em situações de competição e engendram sempre discursos e práticas sociais diferenciadas. CHARTIER afirma que “mesmo as representações coletivas mais elevadas só têm uma existência, isto é, só o são verdadeiramente a partir do momento em que comandam atos – que têm por objetivo a construção do mundo social, e como tal a definição contraditória das identidades – tanto a dos outros como a sua”. (CHARTIER, 2002, p. 18). Enquanto discurso e prática, as representações são esboçadas por indivíduos que “descrevem a sociedade tal como pensam que ela é, ou como gostariam que fosse”. (CHARTIER, 2002, p. 19).

Neste contexto, ressaltamos que a pesquisa não deve ser lida no singular, pois foi escrita/reescrita através de muitas vozes e muitas mãos; intercalando as memórias do passado às memórias recentes. Pois, é justamente esse fervilhar de situações e sentidos que nos ajudam a pensar as diversas facetas e significados que se efetivam no exercício contínuo da reconstrução dessas manifestações culturais que exprimem significados relevantes à vida dos sujeitos sociais, oportunizando que cada um redimensione múltiplos olhares à festa, tendo, com ela, uma relação particular e também coletiva, cujos vínculos de religiosidade e de pertença étnica sejam mediados por práticas e representações diversas, capazes de fazer os sujeitos refletirem continuamente sobre o sentido que esse tipo de festejo exerce nas suas próprias vidas.

MATERIAL E MÉTODOS

O uso de linguagens diversificadas como suporte ao ofício do historiador que não possui como fonte de pesquisa apenas os registros escritos oportuniza reflexões e caminhos instigantes como é o caso da análise das práticas culturais populares. Através das narrativas

em torno dessas práticas, muitos caminhos se abriram enquanto possibilidades de diálogo com a história e memória dos nossos sujeitos sociais – os congadeiros. Suas histórias de vida permitiram-nos dialogar com os seus sentimentos; fez-nos entender as latências contidas nas suas expressões de fé, devoção e também de festa, transmitidas com sorrisos, lágrimas e introspecção, possibilitando-nos tecer diálogos com essas múltiplas linguagens. Foi recompondo esses sentidos vividos e transmitidos pelos e para os praticantes do Congado que pudemos fazer uso dessas linguagens múltiplas como norte dialógico da pesquisa.

Todavia, para concluirmos o estudo, optamos por trabalhar com corpus escritos e orais. Utilizamos de depoimentos, entrevistas, livros de Atas e Estatuto da Irmandade de São Benedito, livros de Tombo da Igreja Matriz de São José e Atas de reuniões dos ternos da cidade. Fiz uso também, além das obras de memorialistas locais, dos estudos acadêmicos de alguns historiadores da região, que discutem a formação histórica do Congado e de alguns ternos de cidades circunvizinhas.

Para montar o acervo da pesquisa optamos pelo uso de recursos áudio/visuais como gravadores e fotografias retiradas no decorrer das visitas a campo. A gravação das conversas e as fotografias nos ajudaram na análise da pesquisa. A pesquisa se aporta nas discussões interdisciplinares sobre História Cultural e Cultura Popular principalmente nos estudos desenvolvidos por Peter BURKE, Roger CHARTIER, Michel CERTEAU, Sandra J. PESAVENTO dentre outros.

Num primeiro momento fizemos um levantamento bibliográfico acerca do tema a ser pesquisado. Em seguida foram feitas visitas a campo com o objetivo de contactar informantes/depoentes. Após, foram realizadas entrevistas e coletas de dados sobre a festa em estudo, na tentativa de auxiliar a compreensão dos propósitos da pesquisa.

O material coletado faz parte do acervo da pesquisa e foi produzido através dos relatos orais de vivência dos congadeiros que participam das festividades em louvor a São Benedito e das fontes escritas. Munidos desses recursos demos segmento ao trabalho relacionando as leituras com as informações e dados obtidos parcialmente. O caminho trilhado nos ofereceu muitas probabilidades interpretativas. Ao coletarmos as entrevistas e transcrevê-las algumas lacunas surgiam sendo necessário a busca de informações complementares ao entendimento do assunto analisado, por isso retornamos a campo várias vezes com o intuito de preencher tais vazios.

Essa construção lógica das narrativas históricas marcou a trajetória da pesquisa, não na tentativa de construção de um enredo cronológico pautado numa “história-verdade”, pelo contrário, pois sabemos que as representações se inserem em regimes de verossimilhança e de

credibilidade, e não de veracidade (PESAVENTO, 2001). Neste meio, procuramos realizar muitas observações durante a realização do trabalho. Frequentarmos a festa, os ensaios dos ternos, leilões, a alvorada, coroações, o preparo e confecção das roupas e alimentos da festa, etc. Na tentativa de nos tornarmos “rostos conhecidos”, pois no início os congadeiros se mostravam meio receosos em receber-nos, participamos de várias atividades promovidas pelo movimento negro local envolvendo os praticantes do Congado. Eu em particular, enquanto iniciante no campo da pesquisa, passei a fazer parte do cotidiano daqueles indivíduos, com intuito de compreender a atuação dos personagens envolvidos na execução como: devotos, dançadores, entre tantos outros. Neste ínterim, durante a coleta de dados e histórias de vida fui percebendo a riqueza de detalhes que circundava os festejos em louvor a São Benedito em Ituiutaba.

Neste caminho, iniciamos um diálogo mais direto com os participantes do Congado de Ituiutaba através de atividades de Extensão realizadas por meio de palestras, grupos de estudos e atividades de formação continuada destinadas à comunidade local. As discussões geraram conhecimento prévio sobre a cultura local servindo como suporte para se pensar essa manifestação cultural colada ao social, o que nos ajudou a estabelecer vínculos entre a academia e os movimentos locais organizados.

RESULTADOS

A seguir se encontram os resultados obtidos com a pesquisa conforme aquilo que propusemos que foi o de construir um acervo de registros escritos sobre a história do Congado de Ituiutaba e o mapeamento dessa prática na cidade a partir das fontes orais e documentos escritos coletados.

Levando em consideração que a memória é seletiva como afirma Maurice HALBWACHS (1990), procuramos, nesses doze meses de pesquisa, recompor as muitas lembranças dos congadeiros acerca da realização dessa festa e, a partir do entrelaçamento dessas memórias conseguimos nortear a história do Congado de Ituiutaba a partir da percepção dos congadeiros.

Apresentaremos a construção das narrativas envolvendo o Congado a partir das versões das famílias congadeiras responsáveis por cada terno que compõe a Irmandade de São Benedito de Ituiutaba. Todavia, para se compreender a relação entre eles é necessário compreender como a própria Irmandade de São Benedito se constituiu para referendar a comemoração ao santo de devoção na cidade.

– Irmandade de São Benedito: a consolidação de um antigo sonho.

Segundo relatos orais dos congadeiros locais, os festejos em louvor a São Benedito aconteciam em fazendas nos arredores da cidade. Com o devir do tempo, a festa tornou-se conhecida e, após, trazida para a cidade de Ituiutaba. Contudo, o pároco da época não aceitou que os congadeiros adentrassem e permanecessem dentro da Igreja, proibindo a realização da festa no local. Esta proibição se deu sob a alegação de que os congadeiros não seguiam a religião católica, mas sim outras de origem africana.

Enquanto isso, nos arredores de Ituiutaba, para homenagear sua esposa Geralda Ramos da Silva em seu aniversário no dia 2 de abril de 1951, o senhor Demétrio Silva da Costa (Cizico) convidou seu pai Marciano Silvestre da Costa e seu irmão Geraldo Clarimundo da Costa, junto a outros amigos para brincarem de Moçambique e comemorarem a data. Dessa brincadeira, os participantes resolveram levar adiante a idéia.

Ao saber do ocorrido, Anna Carolina Ribeiro (Dona Rosa), prima de Cizico, convidou o grupo para, juntos, levarem o terno de Moçambique a Ituiutaba e reascender a devoção a São Benedito. O convite foi aceito não só pelo grupo, mas também por outros simpatizantes que, em comissão, fizeram um primeiro contato com a Igreja no intuito de obter autorização para realizarem a festa. O grupo se dirigiu ao pároco da época, o Padre João Ave, para comunicá-lo e pedir-lhe a licença para, junto à Igreja, fazerem a festa de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário. O pároco, não permitiu, alegando problemas que a Igreja tivera anteriormente com os demais ternos que haviam existido em Ituiutaba, e que, em virtude desses atritos, já haviam se fragmentado.

No ano de 1952, o terno recém criado, resolveu ensaiar na rua em sinal de protesto contra a atitude do padre. O grupo desceu a Avenida 22 às 5hs. Fizeram alvorada com fogos, música e dança na frente do Fórum local conseguindo o consentimento da justiça para realizarem os festejos na cidade. Se precavendo anteriormente tendo em mãos a autorização por escrito da Delegacia de Polícia para realizar o evento. Após, o grupo se dirigiu para a Igreja Matriz São José, onde adentraram ao recinto e assistiram à missa, porém os instrumentos foram deixados do lado de fora da Igreja por ainda não ser permitido adentrar na mesma tocando-os. Após, os congadeiros saíram em visita a várias residências cantando e louvando aos santos protetores pelas ruas da cidade.

Resistindo, a festa acontecia sem a existência de uma Irmandade ou apoio da Igreja. Mesmo assim, os congadeiros insistiam em ter o reconhecimento do festejo junto à Igreja.

Anos após, reestrutura-se o Congado em Ituiutaba. O grupo agora, organizado, trava uma queda de braços com o pároco da Igreja, o qual passa a fazer uma série de exigências aos congadeiros para que ele conceda-os espaço no local. Uma dessas exigências foi a de que os congadeiros abraçassem realmente a fé católica. Acatando ao pedido do padre os devotos receberam todos os sacramentos (batismo, primeira eucaristia, casamento, etc.). Outra exigência era a de que os congadeiros tivessem participação ativa nas cerimônias religiosas, assim a festa passaria a ter algum vínculo com a Igreja.

Diante do cumprimento de todas as exigências feitas por ele, Pe. João Ave, em 1956, pediu para que os congadeiros, entre si, escolhessem doze casais que conhecessem bem as doutrinas católicas. Desses, os homens, nomeados como “Doze Apóstolos” (Marciano Silvestre da Costa, Geraldo Clarimundo da Costa, Demétrio Silva da Costa, Antônio Belchior, Antônio Balduino da Costa, Agenor Prudêncio do Nascimento, Andira Alves, Avelino Máximo da Costa, Jerônimo Ventura Chaves, Aristides da Silva, Antônio Edmundo e Senhor Manoel Gomes) fundaram a Irmandade de São Benedito de acordo com as instruções de Padre João Ave, que autorizou, oficialmente, no ano de 1957 o funcionamento da Irmandade; responsabilizando-a pelos ternos fundados entre os anos de 1951 a 1954 e pelos demais que supostamente viriam a surgir, tendo como seu primeiro presidente Geraldo Clarimundo da Costa, que exerceu este cargo ininterruptamente até 1988, quando veio a falecer.

A partir da criação da Irmandade de São Benedito, os congadeiros passaram a ter também seu próprio grupo religioso dentro da Igreja, que passa a ter não só função religiosa, mas também cultural, organizando e coordenando os ternos de Congado de Ituiutaba. Conforme consta no Pequeno Histórico da Irmandade de São Benedito⁵, ela foi fundada no dia 13 de Maio de 1957 com “missa especial” e com “primeira comunhão de vários beneditinos jovens, crianças e adultos”. Foi através da criação da Irmandade de São Benedito que os congadeiros ganharam permissão para festejar na Igreja. Foi através dela também que eles levantaram capital para, mais tarde, comprar o terreno e erguer a Paróquia de São Benedito. Foi através dos membros participantes da Irmandade que se criaram também a Fundação Zumbi dos Palmares, o Grupo de Estudos Consciência Negra e o Movimento Negro de Ituiutaba.

No livro de Tombo da Igreja Matriz de São José há referências a comunhões de senhores no mês de maio na década de 50 como no ano de 1955 no mês de maio “*no dia 8 comunhão pascal de senhores casados*”(p.126). No ano de 1956 no mês de maio “13 de maio

⁵ Documento redigido por Ana Lúcia da Costa, integrante da Irmandade de São Benedito, filha do fundador do terno de Congo Camisa Verde

comunhão de senhores” (p.127). Estas comunhões podem ter sido recebidas por participantes dos grupos de Congado neste período. Todavia, aparece, no ano de 1966 a seguinte citação “A Irmandade de São Benedito participou de uma noitada nas Quermesses. Houve tentativa na preparação de primeira comunhão de adultos sem resultado” (p.153). O que revela a preocupação por parte da Igreja em preparar e controlar os membros da Irmandade de São Benedito, até mesmo os horários de permanência dos integrantes do ternos nas festividades locais.

No ano de 1968, com a arrecadação de donativos e lucros obtidos durante as quermesses da festa, a Irmandade adquiriu um terreno na Rua 32, nº 2007, em frente onde hoje é a Praça “13 de Maio”, para construir a Igreja de São Benedito que até então não existia. A partir desta data deu-se início à construção de uma pequena capela. Em janeiro de 1990, a capela foi elevada à categoria de Paróquia recebendo a denominação de Igreja Matriz de São Benedito e, em 1997 iniciou-se a construção do novo prédio da Paróquia no mesmo terreno à frente do antigo prédio da capela que hoje é denominado Auditório Nossa Senhora do Rosário I.

Sob a organização da Irmandade de São Benedito, o Congado de Ituiutaba, ao longo de sua existência, deixa ver as estratégias e esforços pensados para defesa da identidade representada pela tradição e cultura em que, a forma e o conteúdo fundem-se numa autenticidade única. Dessa posição, o conjunto raro, imbricado de sentidos e valores, de homens e mulheres dialoga com as pressões e os interesses dos demais componentes dessa sociedade. Nos dias da Celebração do Congado é possível perceber a tensão, a negociação, os dribles, os recuos, as vitórias momentâneas dos dançadores, dentre outros. Todavia, também é visível as demandas dos representantes do comércio ambulante, da Igreja Católica, da Câmara dos Vereadores, dos diversos grupos políticos e da Prefeitura, que permeiam esta comemoração com o intuito de se fazerem presentes (CARMO e MENDONÇA, 2008).

No início a Irmandade de São Benedito era formada por pouco mais de 100 pessoas, hoje ela expandiu-se e, atualmente, ela é composta por mais de 600 indivíduos envolvidos diretamente nos grupos de Congado. Ela tornou-se a garantia dos congadeiros de “direito à Igreja”; sua criação e fundação abriram as portas para a consolidação dos ternos e fez-se alicerce para os que surgiam. Sua fundação encontra-se no Livro de Atas 001 da entidade, à página 001 e verso, registrado em cartório e publicado posteriormente no Diário Oficial Minas Gerais do dia 16/04/1964.

Os dados aqui apresentados são frutos das narrativas, das histórias e entrevistas colhidas ao longo de meses de pesquisa. Vale ressaltar que ao confrontarmos os dados obtidos

notamos que as histórias se fundem e se complementam e mais que isso, reforça a tese de que a manutenção dessa prática cultural só foi possível em detrimento dos fortes vínculos familiares que a sustentam e que, a partir de agora procuraremos parcialmente destacar.

– **Histórico dos Ternos de Congado**

A festa em louvor a São Benedito é composta por sete ternos de Congado da cidade e pela participação de vários outros oriundos de cidades circunvizinhas. O Congado representa a união de vários ternos, guardas ou grupos de dançadores ou congadeiros, cada qual com fardamento específico que segue as cores de cada terno. O Congado segue uma organização hierárquica patenteada e gerida por uma Irmandade, no caso a Irmandade de São Benedito, juntamente com uma corte de Reis.

Em cada terno temos ainda uma equipe interna formada por coordenadores, guarda-estandartes, dentre outros, que dão suporte ao grupo não só durante os festejos, mas também em qualquer evento ou atividade realizada pelo grupo dentro e fora da cidade. As festividades são realizadas no mês de Maio, no domingo mais próximo ao dia 13, segundo Dona Geralda, aniversariante que ganhou uma festa de Congado como presente do marido Sr. Cizico, em entrevista realizada no dia 27 de Junho de 2003, fornecida por OLIVEIRA, 2003:

Nós fazíamos no dia 13, não pra fala que São Benedito e Nossa Senhora do Rosário é dia 13, mas por causa da liberdade. Aí nós ficávamos festejando a princesa Isabel, pela liberdade né... (Entrevista, 2003)

Os ternos se distinguem pelas cores da farda. Em Ituiutaba, as cores agregadas a cada terno dão nome a alguns grupos tradicionais, da mesma forma que outros recebem outras denominações. Fazem parte do Congado de Ituiutaba os seguintes ternos:

Terno de Moçambique Camisa Rosa

A criação desse terno é fruto do sonho e esforço do senhor Demétrio Silva da Costa “Cizico” que, para comemorar o aniversário de sua esposa, resolveu presenteá-la com uma festa diferente, de Congado. A partir dessa homenagem o casal, juntamente com o Senhor Marciano e Geraldo Clarimundo (pai e irmão do Sr, Cizico), sob convite da senhora Anna Carolina (dona Rosa), decidiram fundar um terno de Moçambique.

No dia 05 de outubro de 1951, o grupo se apresentou pela primeira vez, tendo em sua composição 13 dançadores e 05 bandeirinhas. Segundo relatos da filha do casal Maria Lúcia de Oliveira, atual presidente da Irmandade de São Benedito, congadeira, 55 anos, em

entrevista realizada no dia 23 de Março de 2008, o terno criado por seu pai, é um dos principais autores do resgate do Congado de Ituiutaba. Durante o “resgate” foram vários os obstáculos enfrentados pelo capitão Cizico que é lembrado por todos, como um grande repentista. Segundo Maria Lúcia um destes obstáculos foi a aceitação do grupo de dançadores dentro da Igreja

... para a Igreja aceitar essa festa da Congada, eles tiveram que realmente abraçar a fé católica, passarem a serem católicos, batiza, crisma, fazê primeira comunhão, eucaristia, quem era casado teve de casa na igreja, pra festa ter vínculo com a igreja... Pra ela ter direito de igreja! Eles passaram por isso tudo! (Entrevista, 2008)

Seu Cizico, faleceu no dia 28 de julho de 1964 e, em virtude dessa fatalidade, sua viúva assumiu o comando do terno. Preocupada em manter viva a tradição iniciada por seu esposo, Dona Geralda começou a preparar o filho, de apenas 13 anos, para capitanear o terno. No ano de 1978, Mário Afonso da Silva assumiu o comando do terno.

A origem do nome Camisa Rosa se deu no ano de 1964, até então era apenas um Moçambique de São Benedito. Segundo relatos Sr. Cizico, após ter conduzido o terno até a porta da Igreja Matriz de São José, quis adentrar o recinto junto com seus congadeiros, mas o sacristão não permitiu e fechou a porta. O terno contornou a Igreja para poder passar por outra entrada e novamente, o sacristão alegou que eles não entrariam, dizendo que “eles não tinham competência si quer pra criar um nome pro terno, quem dirá pra entrar dentro da Igreja”. Seu Cizico mais que depressa retrucou dizendo que o terno possuía um nome sim, mas foi surpreendido quando o sacristão perguntou de que nome se tratara. Segundo a oralidade daqueles que presenciaram o momento, Cizico olhou para a imagem de Nossa Senhora, que se encontrava em uma gruta do lado de fora da Igreja, e viu-a rodeada de rosas cor-de-rosa. Naquele instante ele fez uma nova música e, como bom repentista que era, batizou o terno com o nome de Moçambique Camisa Rosa. Maria Lúcia nos diz que

Na hora eles foram, tinha loja expedicionária na 26 ali que aquele pedaço ali ele era muito grande porque a rodoviária era aqui em cima na 25 c/ a 26... Era muito movimentado... Era época do arroz. Aí eles desceram na hora, compraram cetim rosa da cor das flores e fizeram já as faixa pra ele.(Entrevista, 2008)

No ano de 1964 o fardamento do capitão e dos demais dançadores sofreu modificações devido a criação do nome do terno e a antiga camisa branca foi substituída pela de cetim rosa. Senhor Cizico teria usado, por uma única vez esse novo uniforme, pois nesse mesmo ano, 1964, ele veio a falecer.

A farda dos membros do terno mantém presentes as cores branca e rosa que passaram a serem utilizadas desde aquela apresentação. Os dançadores usam chapéu de palha ornados com lantejoulas e fitilhos, com destaque para o uso de faixas brancas cruzadas no peito e faixa amarela na cintura para os capitães. O terno conta com mais de cento e cinquenta integrantes e é o mais antigo da cidade e um dos principais responsáveis pela criação da Irmandade de São Benedito e restauração do Congado da cidade.

Em sua composição temos ainda inserido o terno Mirim fundado no ano de 2004, que durante as comemorações acompanham o terno adulto. Esse terno foi fundado com o intuito de manter vivo o Congado entre as crianças e jovens, pois, segundo Maria Lúcia, “elas serão as responsáveis pela continuação do nosso trabalho”.

Dentro do terno os laços de união são reforçados pelos laços consangüíneos, uma vez que, a maioria de seus integrantes são descendentes de Dona Geralda e Sr. Cizico. O terno é, a todo o momento, lembrado pelos anciãos e crianças como a “sua família”, seu lar; o local onde todos se conhecem e se ajudam. Onde todos estão unidos com o mesmo objetivo, honrar e louvar a São Benedito.

Terno de Congo Camisa Verde

O Terno de Congo Camisa Verde foi fundado no ano de 1954 por Geraldo Clarimundo da Costa juntamente com sua esposa Dulcinéia Luiz Cassiano, seu irmão Demétrio da Silva Costa (Cizico) e seu pai Marciano Silvestre. Nesta ocasião, seus criadores almejavam o crescimento e fortalecimento do Congado como parte fundante da cultura local preservando as raízes ancestrais e a devoção aos santos protetores.

O grupo saiu às ruas da cidade, pela primeira vez, com cerca de 30 pessoas, todas trajando roupas nas cores verde e branca. A maioria de seus integrantes são familiares do Sr. Geraldo que foi o primeiro capitão do terno e ensinou aos dançadores o ritmo e as coreografias a serem executadas. Sr. Geraldo é lembrado por todos como um grande inovador. Segundo relatos orais dos integrantes do grupo, ele sempre buscava inovar e, para isso, acompanhava de perto o trabalho dos ternos, dos capitães e anciões das demais cidades da região, visando adquirir novos conhecimentos para, posteriormente, os repassarem para seus descendentes e amigos. Era ele também o responsável pelas coreografias apresentadas pelo grupo durante as apresentações. Sr. Geraldo, foi o primeiro presidente da Irmandade de São Benedito, exerceu o cargo de capitão do terno até o ano de 1988 quando veio a falecer

deixando um legado de danças, coreografias e ritmos, que foram e estão sendo repassados, respeitando as tradições, de geração em geração.

Atualmente o terno conta com mais de 150 componentes diretos entre caixeiros, dançadores, cantadores e porta estandartes e mais ou menos 30 pessoas que participam indiretamente. O grupo mantém nas vestimentas as cores que dão nome ao terno: o verde simboliza a esperança e o sentimento de continuidade e de pertencimento que o terno agrega aos seus vínculos familiares, o branco representa a paz levada a adiante em cada gesto e apresentações realizadas e o amarelo a riqueza do Brasil. Seus dançadores usam camisas em cetim verde, calça branca, faixa amarela na cintura e chapéu de palha ornado com lantejoulas, pedrarias e fitas. Alguns dançadores optam por usar um lenço ou turbante na cabeça. Os capitães se distinguem dos dançadores pelo uniforme, eles usam calças brancas, camisa verde de cetim com adornos dourados e uma faixa disposta sobre a camisa no formato de um “X” com detalhes em pedraria e bordados cintilantes. Na cabeça usam capacete com plumas amarelas, espelhos e muito brilho. Já as bandeirinhas usam vestimenta verde em tons mais suaves.

O terno de Congo Camisa Verde possui uma profunda ligação com o terno de Moçambique Camisa Rosa, pois ambos saíram da mesma família, fundaram juntos, a Irmandade de São Benedito, reavivaram e abrilhantaram os festejos em louvor a São Benedito na cidade e é visto por seus integrantes como um porto de lembranças e representações, de acordo com Divina Costa Teles, professora aposentada, 62 anos, em entrevista realizada no dia 27 de Julho de 2008 :

São muitas expressões. O terno representa o meu crescimento com os meus pais, meu esposo, meus irmãos, minha formação profissional, meus filhos, a perda dos meus pais, meus irmãos congadeiros que já se foram e os que estão ainda hoje comigo... Não é só alegrias, mas tristezas, encontros e desencontros, ganhas e perdas. Não é fácil manter a tradição, mas temos que ter muito amor, dedicação, perseverança... São caminhadas de alegrias e tristezas de muitos que já se foram e que cumpriram e terminaram a sua jornada por aqui... (Entrevista, 2008)

O grupo é coordenado pelos filhos de Geraldo Clarimundo e Dulcinéia: Divina Costa Teles, Maria Francisca Luiza, Paulo Marciano da Costa, Juliomar da Costa, Ana Lúcia da Costa, Marciana Lucia da Costa Souza e Moisés Divino da Costa. São 14 netos e 16 bisnetos, todos têm sua função definida dentro do terno. O Terno de Congo Camisa Verde tem em sua estrutura organizacional as seguintes funções: sua coordenadora geral é senhora Divina Costa Teles; o guarda Vasco Abadio Finhais da Silva; a madrinha da bandeira Nárcia da Costa Teles, responsável pelo Trança Fitas e organização do grupo de bandeirinhas; a guardiã das

bandeirinhas Maria do Carmo de Oliveira, cuja função é manter os estandartes devidamente organizados; mestre de construção de caixas José Cassimiro Teles; guardião dos bastões Maria Francisca Luiza.

O grupo é o responsável pela Dança do Trança Fitas ou Dança do Pau de Fitas, herdada do processo de colonização. Esta prática foi trazida da Europa se disseminando pelos diferentes estados do país e inseridos em diferentes tipos de festividades de devoção católica em homenagem a santos como São João, dentre outros. A coreografia é parecida com a da dança da ciranda onde os participantes circulam ao redor de um mastro central fincado no chão ou segurado por alguém e que, no seu topo, estão presas as pontas de fitas coloridas, cuja extremidade pendente é sustentada por cada dançante. Durante o zigue-zague proporcionado pelos brincantes em torno do mastro central, as fitas vão sendo trançadas, encurtando a parte pendente até que fique impossível prosseguir. Faz-se após o movimento contrário, destrançando as fitas, um movimento que encanta a todos que acompanham as comemorações em louvor a São Benedito. A dança da Trança de Fitas chegou a Ituiutaba no início da década de 1950 trazida pelo Sr. João Pereira da Silva, que vindo de mudança da cidade de Uberlândia-MG trouxe em sua bagagem cultural uma grande experiência que foi socializada à Irmandade.

Terno de Moçambique Estrela D'Alva

O terno de Moçambique Estrela D'Alva foi fundado no ano de 1982 por Agnaldo Severino da Silva (falecido) juntamente com sua esposa Maria das Dores Silva (Dona Xuxu). Natural da cidade do Prata, o senhor Agnaldo, conduziu com sabedoria o seu terno de Moçambique e trouxe, além dos ensinamentos herdados do pai, a experiência e as vivências obtidas como folião de Santos Reis. Homem madrugador, admirava a imensidão do céu, o que fez com que, ao nomear o terno, não tivesse dúvidas quanto à escolha do nome: Estrela D'Alva. De acordo com a oralidade de congadeiros locais que o conheceram o fundador, seu Agnaldo dizia que esse nome está relacionado à beleza do céu e ao alvorecer de mais um dia.

Agnaldo Severino demonstrava sempre ser muito devoto de São Benedito, por isso, conduziu com muita dedicação o terno de Moçambique por vários anos. As cores do terno estão relacionadas às cores do manto de Nossa Senhora, também presentes no estandarte do grupo. O fardamento do terno é constituído de calça e camisa brancas com faixas azuis e chapéu de palha coberto em tecido azul.

Quando Sr. Agnaldo veio a falecer, em 1988, o terno ficou desativado por três anos, por não haver mais um capitão que o conduzisse. Todavia, em 1991, Dona Xuxu conseguiu levantar o terno contando com a colaboração de seus familiares, elegendo como 1º capitão: Maurílio Prudêncio de Souza – atual capitão do terno de Moçambique Águia Branca –, que ficou no terno por dois anos, deixando-o em 1994. Este foi substituído, na ocasião, por Éder da Silva Sabino, neto de Dona Xuxu.

Além de suas filhas o Sr. Agnaldo contava também com a participação dos genros e de vários netos ainda muito pequenos. Sua filha Maria Aparecida da Silva era uma das coordenadoras do terno, Maria Helena da Silva exercia a função de patagomista e a filha caçula Laurinda Maria Silva Paixão era madrinha da bandeira.

O terno de Moçambique Estrela D’Alva tem seu embasamento na fé católica e sua caminhada fundamentada no amor a Deus, em Jesus Cristo, na veneração a Nossa Senhora do Rosário, nos exemplos de humildade e caridade e no padroeiro São Benedito. Munidos dessa fé, respeitam os ensinamentos dos seus antepassados. É por isso que lembram, veneram e mantêm viva a presença de todos aqueles que trabalharam muito pelo engrandecimento do grupo, inclusive aqueles que não se encontram mais presentes no plano material.

A matriarca Maria das Dores Silva (Dona Xuxu), 87 anos, se encontra acamada, mesmo assim se mantém lúcida e traduz com muita clareza a falta que sente em ver o terno novamente participando dos festejos e homenagens em louvor a São Benedito.

O terno encontra-se desativado há mais de um ano, o que se torna uma grande preocupação para os antigos integrantes do terno e sua Matriarca, pois, a falta da liderança de um capitão que tenha interesse em reestruturar o grupo pode por um ponto final no grupo, impossibilitando a continuação da herança cultural da família.

Terno de Congo Real

O Terno de Congo Real foi fundado no ano de 1987, pelo Sr. João Luiz da Silva (João da Badia) e sua esposa Marina Eurípedes de Oliveira, já falecida. Desde jovem, João da Badia, participava das festividades do Congado como dançador de um terno de Moçambique e, ainda moço, almejava o sonho de ter o seu próprio terno.

Foi então que, através dos ensinamentos de Lazinho Goiano e das conversas informais que teve com o festeiro da época, o Senhor Mato Grosso, João percebeu que a possibilidade de materializar seu sonho não estava tão distante.

O fascínio pelo popular envolvera de tal forma João Luiz que ele se tornou dono de um grupo de Folia de Reis e o mantém há 54 anos. Este mesmo grupo chegou a participar, durante alguns anos, da Festa em louvor a São Benedito em Ituiutaba. Anos após, durante uma viagem à cidade de Luz–MG com seu grupo de Folia, João Luiz teve contato com vários outros ternos de Congado e um, em especial, o encantou. Foi deste terno que ele retirou a inspiração para as cores de seu terno: amarelo e branco.

Contando com apoio do amigo Geraldo Clarimundo o terno foi criado elegendo a cor amarelo ouro como predominante no terno, espelhado nas vestimentas usadas pelo terno da cidade mencionada acima. A cor foi também um dos motivos para a escolha do nome. Segundo João da Badia nos relatou no dia 11 de Maio de 2008, o nome do grupo é Real porque o amarelo lembra o ouro, o ouro lembra riqueza; riqueza e ouro presentes em locais importantes, nas casas nobres dos reis, da realeza, daqueles que possuem sangue Real.

O Terno de Congo Real conta hoje com mais de 80 dançadores entre caixeiros e bandeirinhas. O terno tem seu fardamento composto por calça e camisas brancas com capa em cetim amarelo bordadas com o brasão do terno, chapéus de palhas bordados ou lenços amarelos e/ou brancos na cabeça. Os capitães usam roupas brancas e faixas amarelas trançadas no peito e outra amarada na cintura. Os capitães usam na cabeça turbantes ou quepes bordados. As bandeirinhas usam roupas na cor amarela e branca em tons mais suaves.

Os integrantes do terno de Congo Real expressam na vivência, nas orações e músicas entoadas durante os ensaios do grupo sua devoção a Deus, Nossa Senhora e São Benedito. Sempre antes de iniciarem os ensaios e leilões o grupo se une, faz as orações em agradecimento, pedem proteção para os familiares, os dançadores, instrumentos e relembram a memória daqueles que não se encontram mais entre eles. Há a presença de muitas crianças que acompanham o terno junto aos adultos. Todas elas possuem uniformização idêntica à dos demais dançadores e tocam seus instrumentos confeccionados em tamanho menor que o normal, a maioria delas segue o exemplo dos pais que também dançam no terno, dando um charme a mais à apresentação. O grupo se mantém como uma grande família unida em prol da perpetuação desta tradição que é o Congado.

É notória a devoção dos fiéis integrantes do terno. Durante a trajetória que se segue de um leilão ao outro, onde se transfere a imagem de São Benedito de uma residência para outra, as mulheres levam nas mãos velas acesas, as crianças vão na frente rezando junto às meninas do estandarte que levam consigo a imagem do Santo, atrás seguem-se os tocadores e dançadores que, guiados pelos capitães, cantam fervorosamente até o local onde será

realizado o próximo encontro. Não esquecendo, pois que, este ato é comum em quase todos os ternos filiados à Irmandade de São Benedito.

Hoje, João Luiz se encontra residindo na cidade de Goiânia-GO, ainda possui o grupo de Folia de Reis e seu terno encontra-se sob o comando e coordenação de seu filho Anastácio Luiz de Oliveira, o qual, junto a seus amigos e familiares, mantêm viva a tradição iniciada pelo pai que, mesmo vivendo noutra localidade, todos os anos, ao iniciarem a novena que antecede a festa, retorna a Ituiutaba para capitanear seu terno.

Terno de Moçambique Lua Branca

Criado em maio de 1990, o Terno de Moçambique Lua Branca teve como seus fundadores Maria Senhora Domingues Martins (D. Senhorinha), seu filho Cláudio Domingues Martins, Nilo Geraldo da Silva e sua esposa Maria Ormindá da Silva.

O início das atividades do Terno se deu em 1989, conforme consta no livro de Atas número 02 da Irmandade de São Benedito, páginas 24 a 25, na reunião do dia 28 de dezembro de 1989, quando o Senhor Nilo Geraldo comunica seu afastamento do terno de Moçambique Camisa Rosa, no qual atuou por mais de 30 anos, e anuncia a criação do terno de Moçambique Lua Branca, apresentando Cláudio Domingues Martins como seu 1º capitão.

Segundo Dona Senhorinha, em 1989 seu filho Cláudio, se afastara do terno no qual participava. Este, sendo criado no universo das festividades do Congado, pediu à sua mãe para que, visando continuar dançando Moçambique, fundasse um terno para que ele pudesse dar seguimento à sua devoção. Senhorinha mais que depressa acatou ao pedido de seu filho. Desde então, Cláudio e seus familiares passaram a reviver uma tradição familiar herdada de seu avô paterno, o Sr. Apolinário José Martins, oriundo da cidade de São Tomé das Letras-MG.

Segundo Dona Senhorinha, matriarca do grupo, 86 anos, em entrevista realizada no dia 23 de Agosto de 2008, há anos ela e seu falecido esposo participavam das festas de Congado da região, de acordo com seus relatos desde a década de 40 ela participava dos festejos na cidade, sendo que, durante os anos de 1945 a 1951, foi rainha de um terno de Moçambique existente na cidade, tendo se afastado do posto para se casar. Seu terno é uma ramificação de outro criado por seu sogro Apolinário, que no ano de 1905, se mudou para uma fazenda na região de Santa Vitória e trouxe em sua bagagem o terno de Moçambique Nossa Senhora do Rosário, o qual realizava seus festejos em louvor aos santos nas fazendas da região. Foi dentro das tradições deste terno que seus filhos e netos se criaram e, foi de

acordo com os preceitos do mesmo que Dona Senhorinha fundou o terno de Moçambique Lua Branca.

As cores que fazem parte do fardamento do terno foram escolhidas pelos filhos de Senhorinha. Ela relata que eles gostam muito de brilho, por isso a cor branca. O branco do brilho e o verde da esperança, seguindo estes preceitos o fardamento foi confeccionado. O nome Lua Branca foi escolhido pelo capitão Cláudio, devido à sua grande admiração e fascínio pelo brilho e, principalmente, pelo brilho dos astros, em especial da Lua.

De acordo com a Dona Senhorinha, o terno passou por muitas dificuldades até se consolidar por completo e ter seu reconhecimento perante a Irmandade de São Benedito.

Nessa época tinha um tabu na Irmandade que as pessoas tinham de ficar três anos por conta própria, pra depois participa da Irmandade e eu, eu sustentei. Assim foi a criação do Lua Branca... Hoje nós estamos aqui. Eu consegui! Meu terno tem estatuto, tem ata eu fiz tudo direitinho! Eu venci... Fiz o terno pros meus filhos dançarem... (Entrevista, 2008).

Os dançadores integrantes do terno se vestem com calças e camisas brancas, faixa verde, chapéu ou turbante na cor verde e prata. As bandeirinhas seguem a mesma ordem de cores utilizadas pelos homens, ou seja, blusa e calças brancas com faixa verde em cetim amarrada à cintura e, nos cabelos, adornos na cor verde.

Senhorinha ressalta a todo instante a importância da união da família para a manutenção do terno e vice-versa. Dentro do terno existem muitos integrantes que possuem renda menor que os demais participantes o que faz com que, segundo ela, reforçando a união, uns ajudem os outros a confeccionar suas roupas e adornos, outros pagam metade da costureira de um, ajuda como pode o outro e assim vai. Segundo ela o Congado se tornou uma forma de educar os filhos para a sociedade, repassando a eles e a seus netos valores de outras gerações que perduram até os dias atuais.

Maria Senhora Domingues relembra ainda como eram as comemorações antes da criação da Irmandade de São Benedito.

Antes, os padres, eles... Num era assim, eles achava que o Moçambique era macumba, esse tipo de coisa, eles comparava assim. Os moçambiqueiros faziam essa festa para ver se eles faziam uma Igreja pra eles porque o padre recusava ceder a Igreja pra eles. Então, daí pra cá isso foi mudando... O Congado já existia, mas por causa dos problemas nosso que o padre num aceitava na Igreja, aí acabo. (Entrevista, 2008)

Dona Senhorinha é o retrato vivo da geração que passou por todas as provações e esforços para a consolidação dos festejos em louvor a São Benedito em Ituiutaba. Hoje, o terno conta com mais de 50 elementos entre filhos, netos e bisnetos de Dona Senhorinha que, aos 86 anos, é a Presidente, coordenadora geral e Guardiã da Bandeira do terno e não abre

mão de conduzir o Moçambique em todas as etapas, como compra de instrumentos, escolha e confecção dos uniformes das bandeirinhas; participando ainda, de todas as apresentações na cidade e viagens feitas pelo grupo.

Terno de Moçambique Águia Branca

Fundado no ano de 1994, o Terno de Moçambique Águia Branca foi criado através da iniciativa dos irmãos Maurício Prudêncio de Souza (falecido), Maurílio do Nascimento de Souza (Nilo) e Eurípedes Francisco Pereira (Pipa), que, apoiados pela mãe Rosária Esperança de Souza, realizaram o antigo desejo da família de criarem seu próprio terno. O grupo tem como Conselheiro Fundador o Sr. Agenor Prudêncio do Nascimento que, aos 87 anos, é o único dos 12 apóstolos vivo que atua junto à Irmandade, que também, é avó dos três irmãos citados acima.

Na estrutura organizacional desse terno temos as presidentes fundadoras Rosária Esperança de Souza, Romilda Muniz, Celeste Alves Ferreira, Almerinda Chaves, Divina Esperança Domingues e Dinorah Narciso Guimarães. São essas mulheres e mães de vários moçambiqueiros, as amigas que se uniram para manter a tradição e exercerem as várias atividades internas que garantem a integridade do grupo.

Os coordenadores são Pedro Prudêncio do Nascimento e Ariovaldo dos Santos (Teobaldo); o rei Marcos Gonçalves; a rainha Maura Aparecida Gonçalves; guarda: Eurípedes Barsanufu Gonçalves; madrinhas, Julianne Silva Souza e Maria José Gonçalves.

As cores do terno são azul, branco e rosa, inspiradas nas cores dos ternos que já existiam na cidade. O estandarte é azul e branco. Assim como os demais ternos, o Moçambique Águia Branca é composto, em sua maioria, por pessoas de uma mesma família. Os dançadores usam calças brancas, camisas de cetim em tom azul escuro, faixas cor-de-rosa entrelaçadas ao corpo e chapéus coberto em tecido, ornado em paetês, lantejoulas e marabu.

O terno possui 80 elementos. A origem do nome do terno, segundo o capitão Maurílio, está ligada ao Orixá Caboclo Águia Branca.

Terno de Congo Libertação

Fundado no ano de 2004, o terno de Congo Libertação foi criado por Dona Maria Aparecida Luiza Candido, 72 anos, juntamente com sua irmã Lázara (falecida). Diferentemente dos demais ternos citados acima, o terno de Congo Libertação foi criado com um propósito: “libertar”. Segundo relatos orais da matriarca do grupo e de sua filha Leamar, a

criação do terno se deu com o intuito de amenizar a vida dos integrantes da família e libertar a alma de seus antepassados para seguirem seus destinos.

Segundo elas a família viria sofrendo, há gerações, com doenças, perturbações, pobreza e desavenças ocorridas entre parentes, inclusive entre as irmãs Lázara e Aparecida, que não se falavam há anos, segundo os informantes, sem motivo algum. Tudo isso seria resultado da ocorrência de trabalhos malignos realizados para prejudicar seus antepassados. Como nos informou Leamar Cândido, 45 anos, congadeira, em entrevista realizada no dia 18 de Junho de 2008,

[...] num é só doença do coração e diabetes que é hereditário não, macumba também é hereditário sabe, passa de pai pra filho, de neto pra bisneto, vem passando de geração em geração. Então, foi falado pra minha mãe pelo guia, que a única forma da gente se liberta, liberta nossos... Nos liberta e liberta os nossos antepassados, seria fundando um Congo né, e que o nome dele seria “Libertação” né, e foi, e começo, aí foi... aí nosso guia deu as instruções assim... O terno foi fundado pra isso mesmo, pra liberta nossos antepassados e nos liberta, nos ajuda. Tira nossa família da pobreza, sabe. O objetivo foi esse né! Foi fundado dentro da umbanda, é um terno umbandista e é regido por um guia. (Entrevista, 2008)

Apesar da umbanda ser uma religião afro praticada por várias pessoas, ainda que secretamente nos demais grupos, o terno de Congo Libertação é o único que assume esse vínculo perante as demais pessoas e a Irmandade de São Benedito. O terno segue as orientações dos guias espirituais – Preto Velho e Maria Conga – para a manutenção e proteção do grupo. O qual é regido pelo mesmo ideal: paz, saúde, harmonia e libertação.

Segundo relatos, há anos não se falando, Maria Aparecida e Lázara, por incumbência do destino, se casaram e seguiram suas vidas sendo que, os filhos, tanto de uma como da outra se apaixonaram e, mesmo primos, se casaram. Anos após as duas se viam avós dos mesmos netos, mas ainda não se falavam. Foi então que Maria Aparecida, pautada na religiosidade ancestral, recebeu a orientação dos guias espirituais, intermediados pelas médiuns Cláudia L. da Silva e Leamar Cândido, de criar um terno de Congo com o intuito de unir e Libertar sua família de todo o mal que a segue há décadas. Estes Guias Espirituais determinaram os passos a serem dados pela família desde aquele momento, como as cores do terno, escolha dos capitães, entre outros.

Deste momento em diante, toda a família se manteve unida. Por isso os integrantes do terno seguem a risca as determinações das entidades e, dentre uma dessas determinações das entidades à família, destaca-se o nome do terno e a escolha dos seus capitães.

O nome Libertação foi escolhido para representar a libertação dos antepassados de seus pecados, dos trabalhos feitos por terceiros para prejudicá-los, libertar a si da miséria, da

pobreza e das doenças o que repercutirá na manutenção da paz, do amor, da harmonia para a atual e futura geração da família e de todos que seguem as normas dos mentores espirituais. Referindo-se à escolha dos capitães, os guias espirituais fizeram a exigência de que, para libertar a família, os capitães deveriam ter “sangue puro”, deveriam ser descendentes diretos da família ter o legítimo sangue de seus integrantes, seriam aqueles de pai e mãe com ligações consanguíneas; os filhos de primos, netos das avós que não se entendiam, William Luiz Candido e Lucas Ismael Candido Silva.

Essa mesma força espiritual determinou as cores do terno, azul-claro e branco, usadas na capa, nas calças, camisas, chapéus e adornos dos instrumentos do grupo. Cores essas constituídas a partir da cor símbolo das divindades que regem a família.

Além do quesito religião, algo que também chama a atenção neste grupo é o fato de estarem sempre inovando. Ainda que, seguindo as tradições da festa, o terno de Congo Libertação é um grupo composto, em sua maioria, por jovens até 30 anos que, durante as apresentações surpreendem o público com coreografias ousadas e diferenciadas. Outro referencial são os capitães. Assim como os demais integrantes do grupo possuem idade entre 20 e 30 anos, os capitães que instruem os demais componentes do terno possuem essa mesma faixa etária de idade, se tornando os capitães mais novos da cidade. O que, segundo William – 23 anos, auxiliar de serviços gerais e capitão do terno, nos informou no dia 18 de Junho – foi alvo de muitas críticas no início da formação do terno. Todavia, todos esses impensáveis em nada conseguiram ofuscar o brilhantismo do grupo, de acordo com ele,

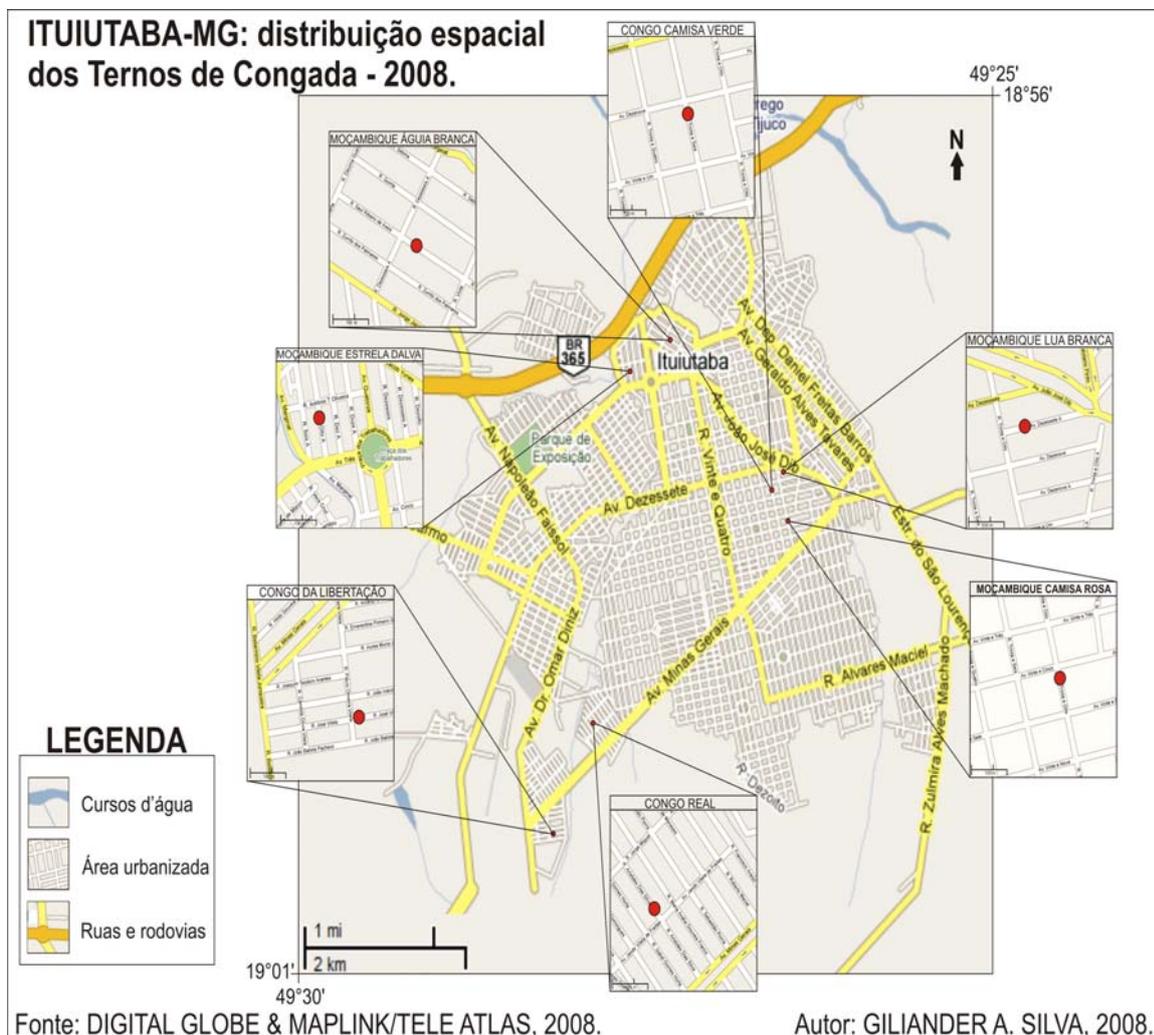
O pessoal não fala hoje porque deu certo. Por que antes, no começo houve muitas críticas. Nós fizemos umas... recebemos umas críticas muito abusivas. Agora, agora que o terno provou que era um trabalho sério né, agora mudou! Antes do Congo saí teve um capitão daqui da cidade que chegou na minha mãe e falou pra ela que apoiava o Congo né, mas o maior erro da minha avó era por eu e o Lucas de capitão... que a gente ia destruí o Libertação. (Entrevista, 2008)

Hoje, o terno da Libertação é composto por 40 componentes. Não é exigida religião específica para a admissão de qualquer indivíduo no grupo. Os interessados devem apenas passar por um intenso aprendizado e, só são admitidos no terno depois de ter obtido todo conhecimento da estrutura organizacional do grupo, onde o não cumprimento de normas como: beber trajando o uniforme do terno, tirar o uniforme antes de ser liberado, faltar a três leilões da campanha sem justa causa; são motivos para o desligamento do integrante do grupo.

O poder de decisão no terno é sempre discutido entre as coordenadoras, mas é Dona Aparecida, do alto de seus 72 anos de experiência, quem dá o veredicto final. Ela expressa de

maneira clara suas convicções reafirmando que a sua vida mudou pra melhor, assim como a de todos os seus descendentes e ancestrais, pois, as dificuldades encontradas a cada dia para manter o terno de pé, só trouxeram mais força e união pra toda família que aprendeu que o exercício da convivência é um dom de poucos.

– Mapeamento dos Ternos de Congado da cidade de Ituiutaba-MG.



Autor Giliander A. Silva⁶
 Concepção Fernanda Domingos Naves⁷

⁶ Discente do curso de graduação em Geografia da UFU/Campus do Pontal, colaborador.

⁷ Primeiro (a) autor (a).

DISCUSSÃO E CONCLUSÃO

No emaranhado dos acontecimentos o historiador procura seu ponto de partida como um camponês procura um olho-d'água. Nem sempre é possível saber de onde essa água vem. Porém, para poder bebê-la basta ir em busca de onde ela aflora à superfície (SOARES, 2000). No decorrer desta pesquisa buscamos na fonte da sensibilidade do olhar, dos gestos e da fala dos congadeiros a compreensão de toda a religiosidade que envolve os indivíduos que participam das festividades em louvor a São Benedito, tentando perceber como eles mantêm esses vínculos ancestrais com seus antepassados; notando sempre a preocupação deles em transmitir todos esses conhecimentos às gerações futuras, com o propósito de que estes hábitos e costumes não se percam no tempo.

Com a pesquisa pudemos ver que vida e festa se mesclam movendo-se aos sons dos tambores, das patagomas e das caixas de cada terno. Dali se emana as memórias vividas no passado junto às recentes, estas, juntas, ecoam na forma de palavras, que chamam, respondem, falam e cantam sua fé e trajetórias de vida. Cada palavra que se entrelaça nos ritmos e no canto do congadeiro está investida de força e vida. Uma força concebida através da fé, do esforço e da labuta diária de cada

indivíduo que não mede esforços em manter atualizada suas heranças ancestrais. Sendo que, muitas vezes, esses sujeitos abrem mão de seu descanso diário merecido, para preparar os festejos durante meses e homenagear seus santos de devoção. Esta fé e este sentimento, só mesmo quem os possui pode descrevê-los. Isso é o que os alimenta e revigora seu viver, pois não existe cansaço nem desânimo quando o intento é destinado a reverenciar sua ancestralidade.

No decorrer da coleta de dados pudemos notar que nos próprios modos de falar estão registrados os vínculos de pertença identitária, que move as muitas formas de integração ou de divergências entre as famílias congadeiras. Pudemos perceber que as muitas histórias contadas não são meramente palavras, mas falas movidas pela memória e pelo vivido nos quintais, nos encontros coletivos, nas visitas que consagram fé e festa; nas casas humildes que mantêm acesa a chama da memória, da devoção e da crença numa força maior que move o recompor de suas histórias de vida. É ali, ou ao pé do altar, espaço de aproximação com o divino que os diálogos propiciaram o entrelaçar do passado e do presente, do vivido e do que se espera viver, ecoados numa melodia uníssona, mas quase silenciosa só ouvida por quem sabe realmente decifrar os

sentidos sagrados que envolvem o Congado.

Como relatamos no início, ao longo da execução da pesquisa, as dificuldades surgiram, mas as possibilidades de conclusão do trabalho fizeram com que estas mesmas dificuldades se transformassem em motivação para continuar. No decorrer do trabalho, enquanto pesquisadora iniciante, pude perceber que transpus a posição de mera expectadora da festa de Congado para a de sujeito capaz de compreender o que move centenas de pessoas a destinarem seu tempo e sua vida a uma prática cultural popular.

O vivenciar tudo isso me fez amadurecer enquanto acadêmica, pois tive contato com diversos conhecimentos e vivências que, no espaço da sala de aula, não seria possível absorver. Ao participar também pude compartilhar com os demais membros os acontecimentos por eles narrados. Saber como os sujeitos concebem as transformações que vêm ocorrendo no interior da manifestação, como se articulam e percebem a necessidade de manutenção do Congado frente às transformações culturais atuais, como ocorre a inserção de novos participantes no grupo – o que ocorre de forma gradativa a partir do momento que a festa –, acabou por se tornar um exercício prazeroso.

No decorrer de meus encontros com as fontes, à medida que me aproximava, compreendi que nos grupos de ternos existem pessoas que se destacam dos demais por seu jeito ou forma de falar, vestir, pelo comportamento para com os outros, nas orações, são os primeiros a entrarem em forma, pelos cuidados com os idosos, as crianças; estes revelam interesse por todos os familiares de cada dançador, pela obediência com que atendem aos comandos do seu capitão. Em fim, o dançador devoto, em seu grupo, se destaca. Ele é devoto aos valores, leva a sério sua participação nessa comemoração. Ainda, a esses sujeitos históricos, no interior do seu grupo, ninguém lhes diz o que fazer, pois eles possuem um conhecimento completo de todas as atitudes que um indivíduo deve ter dentro do terno. Independentemente do número de participantes ao seu redor, são compenetrados, são dançadores devotos. Definitivamente, fazem acontecer, perpetuam a festa de São Benedito em Ituiutaba.

Ao analisarmos o conjunto das festividades do Congado, identificamos a grande presença de crianças, seja trabalhando ou integrando os ternos de Congado. A participação delas não está desvinculada da participação dos demais envolvidos, mas destaca-se pela satisfação que encontram ao partilharem, com demais devotos, da comemoração tocando caixas e

dançando ao ritmo dos ternos, além de gostarem da exposição pública a que são submetidas durante o desfile. Reconhecemos também a importância e o respeito que os idosos, anciões, possuem na organização e no desenvolvimento de toda a festividade. Isso nada mais é do que uma das muitas possibilidades de recriação de uma prática da cultura popular movida pelos ensinamentos que os primeiros possuem e transmitem aos que vieram posteriormente. Nos contatos com esses sujeitos, percebemos ainda que, existe sempre a preocupação de reunir, em torno da visita, os membros da família ou do grupo o qual viria a ser entrevistado, o que acaba por ser uma forma de dizer que todos ali presentes fazem parte da história a ser narrada.

É notável ainda como uma residência ou uma simples rua transforma-se em locais sagrados seja para a realização de reuniões, orações e confraternizações, como se, de repente, todos os outros fatores, como o morador da residência, não existissem, nada mais importa desde que estejam todos ali unidos pela fé. Percebemos que os símbolos são os mesmos na maioria dos ternos, entretanto, seus significados se alteram de um grupo para o outro, cada terno tem sua maneira particular de organizar essa simbologia e seus agentes durante a realização dos rituais. Alguns grupos fazem rituais, onde

todos se unem para orar para fechar o corpo e pedir proteção aos ancestrais. Outros antes da saída do grupo à rua, cercam os instrumentos de velas, pedindo guarda aos instrumentos. Para alguns capitães o bastão é um diferencial, algo de identificação; para outros é o elo que une este mundo ao de seus antepassados.

Verificamos que as músicas (letras e ritmos) nos ternos são aprendidas por meio da fala, do toque, do olhar e principalmente pela convivência em grupo. Os indivíduos compõem seus cânticos e repassam as letras das músicas através da repetição e da referência que estas fazem com a situação vivida pelo grupo. Percebemos que, a forma de se aprender, de se tocar um instrumento e de viver a música se constrói na oralidade do grupo. Sendo que, os dançadores devotos têm a festa como uma expressão de religiosidade coletiva. Nisso foram unânimes, quando indagados sobre o significado da festa enfatizando sobre a importância da novena, em que rezam o terço, como fizeram seus antepassados, mas não esquecem de evidenciar que muito mais do que uma devoção católica tudo isso representa a manutenção das pertencas identitárias, dos seus vínculos com sua ancestralidade e com sua raça. Também é visível esta ligação com os que partiram. As almas dos falecidos sempre são lembradas nas orações do grupo. Mesmo em ocasiões fora

da festa, o orar pelas almas é constante entre os devotos, pois representa a manutenção da memória congadeira.

Os dançadores devotos, na reza dos terço, nos leilões e nas 00novenas, encontram-se introspectivos, atentos a cada sílaba, atentos a cada palavra ali pronunciada. Na alvorada, no dia da festa, alternam-se sentimentos entre a devoção e a festividade, pois aquele momento para os congadeiros representa muito mais do que um reencontro com o passado, com sua religiosidade, ali se celebra a vida e o viver. Nas procissões e cortejos é possível sentir a forte presença dos ancestrais como no momento em que se ergue em praça pública o mastro do santo de devoção. Todos os capitães juntos tocam o grande mastro com seus bastões de comando energizando o lugar e alimentando de fé e esperança a festa. São nesses momentos recheados de instantes mágicos vividos, mesmo que poucos prestem atenção, que o congadeiro percebe a presença espiritual dos seus ancestrais.

Nem mesmo o calor intenso, as constantes caminhadas e o banho constante de suor, fazem transparecer na face de cada congadeiro o cansaço físico, pois eles parecem numa outra dimensão, em um universo que somente a eles é dado e, nele rezam e dançam para São Benedito revigorando suas forças continuamente.

Nesse ínterim, pudemos perceber como são desenrolados os encontros e desencontros entre os personagens que compõem o cenário festivo, os interesses da projeção política ou social; os gastos com a festa; a quantidade dos gêneros alimentícios utilizados para tornar realidade os cafés e os almoços oferecidos; o montante de dinheiro disponível para montar e ornamentar os ternos, dentre outros. Tomei conhecimento da dificuldade por que cada um passa para se manter ali, festejando e louvando. Dificuldades sociais, financeiras e outras em particular, fazem com que muitos pensem em desistir de continuar, de dar seguimento a esta tradição, a este sonho. Todavia, são estas mesmas dificuldades que unem estes indivíduos em prol de uma causa maior, em prol da manutenção do grupo que é composto por todos. Fazendo com que, juntos, estes congadeiros superem todas as dificuldades impostas no seu dia-a-dia, porque, naquele meio, todos se conhecem, todos se gostam, todos são “da mesma família”. Só mesmo com muito amor e devoção para se conseguir ir adiante.

A pesquisa permitiu a nós explorar situações desconhecidas através do universo dos significados da festa. Uma vez que, uma coisa é participar da festa, ter nossas concepções, nossas convicções e emoções particulares, outra é poder sentir e

analisar tudo isso a partir da experiência de outras pessoas.

Com o passar do tempo foi-se construindo uma grande amizade com vários membros da comunidade. Sendo assim, muito foi-nos repassado, porém, temos certeza de que nenhuma palavra que tenhamos escrito até agora expresse, em detalhes, o que um congadeiro devoto traz no íntimo do seu coração. Uma vez que, se tem uma coisa que realmente aprendi nesses meses de pesquisa foi que, às vezes as palavras, por mais emotivas que sejam não descrevem o que um olhar ou um simples gesto quer e pode nos dizer. Desde já, quero enfatizar que procurei fazer com que cada linha aqui escrita representasse a essência viva de tudo que pude captar daqueles que vivem esta devoção como se cada instante fosse o último. Este é e foi o caminho de muitos; é a história daqueles que têm fé, daqueles que vivem por ela, daqueles que, por gerações, reafirmam o sentido que o Congado expressa em suas vidas.

Agradeço de coração, a todos que me receberam em suas casas de braços abertos, a todos os capitães dos sete ternos pesquisados, seus coordenadores, às mulheres e esposas que com garra e força mantém seus lares, familiares e os grupos unidos, àqueles também que, mesmo não tendo nos falado pessoalmente, muito me

ensinaram com gestos, olhares e com seu silêncio.

Esta celebração está há anos preservada devido à existência desses devotos que vivem pela/para festa. Parece-nos que tudo aquilo expresso no olhar de cada um dos congadeiros, está na alma, e, ali permanecem, protegidos de vulgarizações, de esvaziamentos de sentido e da falta de crença tão presentes no nosso dia-a-dia. Pertence a eles e somente deles é a responsabilidade de guardar saberes e transmiti-los àqueles que também terão estes mesmos cuidados e visando preservar a união, a devoção e os valores dos ternos e da família, sagrados em uma dança de devotos.

Fontes:

Atas de Reuniões dos ternos.

Cadernos de Registros dos Congadeiros.

Fotografias

Livro de Tombo da Igreja Matriz de São José.

Histórico da Irmandade de São Benedito.

Divina Costa Teles.

Geralda Ramos de Oliveira.

Leamar Candido.

Maria Aparecida Luiza Cândido.

Maria Senhora Domingues Martins

Maria Lúcia de Oliveira.

William Luiz Candido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Rita. **Festa à Brasileira – sentidos do festejar no país que “não é sério”**. São Paulo: FFLC-USP, 1998 (Tese de Doutorado). 420 p.

BOSCHI, Caio César. **Os leigos e o poder: Irmandades leigas e política colonizadora em Minas Gerais**. São Paulo: Ática, 1983.

BRANDÃO, Carlos R. **A cultura na rua**. 2ª ed., São Paulo: Papirus, 2001.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Tradução: Sérgio Góes de Paula. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

CARMO, Luiz C., MENDONÇA, Marcelo R. (Orgs.). **As Congadas de Catalão: As relações, os sentidos e valores de uma tradição centenária**. Catalão: Universidade Federal de Goiás – Campos Catalão, 2008. 348p.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano – Artes do fazer**. 6ª ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. 2 ed. Portugal: DIFEL, 2002.

FARIA, Elaine Cristina Gomes. **A Congada em Monte Alegre de Minas: decadência e ascensão transformações e permanências 1987-2002**. Ituiutaba. Dissertação (Graduação em História) – Universidade do Estado de Minas Gerais/Campus Ituiutaba, 2002. 52 p.

GARRIDO, Joel del Alcázar. **As Fontes Orais na pesquisa Histórica: uma contribuição ao debate**. In: Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 13, nº 25/26, set/92/ago/93. pp. 33-54.

GOMES, N. P. de M. e PEREIRA, E. de A. **Os tambores estão frios: Herança cultural e sincretismo religioso no ritual de Candombe**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

_____. **Flor do não-esquecimento – cultura popular e processos de transformação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

GUINSBURG, Carlo. **O queijo e os Vermes**. Trad. São Paulo: Cia das Letras, 1986.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

KATRIB, Cairo Mohamad I. **Nos mistérios do Rosário: as múltiplas**

vivências da festa em louvor a Nossa Senhora do Rosário – Catalão (GO). Uberlândia. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Uberlândia, 2004. 244 p.

_____. **No (des) compasso da festa: o reencontro de muitas histórias.** In: História e Perspectivas, n°. 34 – jan.jun. 2006. Uberlândia/MG. Universidade Federal de Uberlândia. Cursos de Graduação e Programa de Pós-Graduação em História.

KHOURY, Iara Aun. Narrativas orais na investigação da História Social. In: **Revista Projeto-História.** História e Oralidade. São Paulo: EDUC, n° 22. Julho/2001. pp. 79-103.

LUCAS, Glaura. **Os Sons do Rosário: Um estudo etnomusicológico do Congado Mineiro – Arturos e Jatobá.** São Paulo. Dissertação (Mestrado em Artes) – Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, 1999. 272 p.

OLIVEIRA, Viviane Pereira Ribeiro. **A formação dos grupos de Congada em Ituiutaba-1950 a 1971-1988 a 2003. Ituiutaba.** Dissertação (Graduação em

História) – Universidade do Estado de Minas Gerais/Campus Ituiutaba, 2003. 62 p.

PESAVENTO, Sandra J. **Indagações sobre História Cultural.** In: Revista Artcultura. Uberlândia: NEHAC/UFU. N°. 03, 2001.

RODRIGUES, Márcia. **Razão e sensibilidade: reflexões em torno do paradigma indiciário.** Dimensões. Revista de História da UFES, Centro de Ciências Humanas e Naturais, n. 17, 2005.

SILVA, Luiz Geraldo. **Da Festa à sedição: sociabilidades, etnia e controle social na América Portuguesa (1776-1814).** História Questões & Debates, n°. 30. Curitiba: UFPR, 1999. p. 83-110.

SOARES, Mariza de Carvalho. **Devotos da cor. Identidade étnica, religiosidade e escravidão no Rio de Janeiro, século XV.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

SODRÉ, Muniz. **Terreiro e Cidade. A forma Social negro-Brasileira.** Rio de Janeiro, Petrópolis: 1988.